



Linguagens visuais como pretexto para falar de Relações Étnicas

Visual languages as a pretext for talking about Ethnic Relations

Edson Dias Ferreira

Universidade Estadual de Feira de Santana
edson.orientacaomestrado@yahoo.com.br

DOI: 10.22481/odeere.v4i8.6234

RESUMO: O propósito do presente trabalho é construir ou, pelo menos, provocar acerca do potencial que as imagens possuem de estabelecer mediações entre sujeitos/grupos acerca do que os faz se sentirem próximos e capazes de identificar pontos que os diferenciam de outros sujeitos ou grupos nos processos possíveis de contato por eles

estabelecidos. Neste sentido, cabe situar o entendimento que trazemos acerca de linguagens visuais e Relações étnicas situando-as naquilo que propõem. Organizado em seis tópicos mais as referências, o texto traz uma Introdução que situa acerca do fio condutor da discussão; nos tópicos seguintes os títulos vão enunciando as discussões que propõem: Imagem e produção visual; Recursos visuais e atividade de ensino; Imagens: produção/reflexão no espaço da festa; Recursos visuais: convergências de ensino, pesquisa e extensão; e Considerações finais. Neste último tópico o texto procura, a partir de uma revisita ao título proposto, estabelecer possíveis entrelaces entre linguagens visuais e relações étnicas.

Palavras-chave: Imagens, Festa, Ensino.

ABSTRACT: The purpose of this work is to build or, at least, provoke about the potential that images have to establish mediations between subjects/groups about what makes them feel close and able to identify points that differentiate them from other subjects or groups in possible processes of contact established by them. In this sense, it is appropriate to situate the understanding that we bring about visual languages and ethnic relations, placing them in what they propose. Organized in six topics plus references, the text brings an Introduction that situates the guiding thread of the discussion; in the following topics, the titles will enunciate the discussions they propose: Image and visual production; Visual resources and teaching activity; Images: production / reflection in the party space; Visual resources: convergence of teaching, research and extension; and Final considerations. In this last topic, the text seeks, through a revisit to the proposed title, to establish possible interrelationships between visual languages and ethnic relations.

Keywords: images, party, teaching

1. Introdução

Falar deste tema – Linguagens Visuais como pretexto para falar de relações étnicas – é assumir um desafio, isto porque envolve trilhar por horizontes cuja dimensão, ampla por sinal, opera no sentido de indicar direções nem sempre convergentes, ainda que, neste momento, em relação à pesquisa desenvolvida, constitua uma discussão recorrente. Por formação estou ligado à área das visualidades – Licenciado em Desenho e Plásticas –, com forte influência interdisciplinar motivada pelo Mestrado em Educação e Doutorado em Ciências Sociais, Antropologia. Esta condição tem possibilitado experimentar sobreavôs por campos que passam pelas três áreas de conhecimento. Logo, o trabalho aqui desenvolvido busca produzir uma discussão a partir da experiência construída com as atividades de ensino, pesquisa e extensão envolvendo as áreas das Linguagens Visuais, da Educação e das Ciências Sociais.

Cabe aqui, neste sentido, esclarecer acerca do entendimento assumido pela expressão Linguagens Visuais – campo estrito do estudo das imagens percebidas a partir do acionamento do sentido da visão. Linguagens Visuais não contempla somente desenho, porque outras formas de manifestações visuais se incorporam a este domínio. Embora se insira no macrocontexto do que se entende por imagem, esta expressão quando assumida vem exatamente para dar conta de um recorte, isto é, tudo aquilo percebido no plano da visualidade e, portanto, pode ser produzido enquanto tal dentro das suas várias dimensões possíveis e potenciais. Pode ser Desenho, Fotografia, Vídeo ou qualquer manifestação possibilitada pelo aporte de tecnologias novas, através das quais seja possível externar um estímulo, por assim dizer, na dimensão do sensível a partir da visualidade.

Para tratar de relações étnicas, em princípio, convém situá-la no contexto do campo dos sentidos. Palavra composta cujo entendimento se traduz na ligação estabelecida pelos termos ‘relação’ do latim *relatīo,ōnis* ‘ação de dar em retorno’ num primeiro momento pode resultar da ação de troca ou compartilhamento entre dois ou mais sujeitos/ grupos de maneira mediada e ‘étnica’, palavra derivada de etnia, do grego *ethnos*, ‘povo que tem o mesmo *ethos*’ no seu etmo traz uma ligação com três elementos fundantes que estruturam seu sentido: povo, território e língua. Diferentemente de raça, cuja noção enseja a preocupação com

aspectos biológicos priorizando atributos físicos e a diferença marcada pela visibilidade de traços fenotípicos, etnia incorpora outros atributos.

Em relação à Cultura, pela diversidade de abordagens abarcadas, fruto de uma tal consciência acerca do que nela pode ser representado, o caminho é traçado para além dos velhos conceitos de civilização e escolarização aos quais sempre se encontrou vinculada. Tal perspectiva se defronta com a descoberta ou redescoberta do sentido de outrem, do sentido de alteridade cuja noção impõe a necessidade de reconhecer a existência de valores diferentes dos nossos, mas reconhecer também o princípio do respeito e do direito à diferença, neste momento este sentido de alteridade se instaura. A percepção deste sentido pode se evidenciar em várias dimensões!

No plano local, só para citar um entre muitos exemplos, se dar conta de que aquilo cujo produto chamamos de língua portuguesa está recheada (eivada) de Bantu, tupy e outros falares nos causa confusão e espanto. Não é mais totalmente verdadeiro que todo o nosso campo vernacular vem daquela matriz que acreditamos ser a representação plena do que falamos. Neste quesito, o trabalho de Yeda Pessoa de Castro – Falares africanos na Bahia – é particularmente importante.

No plano mais universal, a tendência de quebra do sentido atribuído àquilo estabelecido como regional e nacional, gera uma maneira de intercambiar, conceber e constituir identidades. A Europa mais uma vez influencia na instituição de valores de referência para legar ao mundo ocidental um modelo a ser seguido.

Como então pensar em português, francês, italiano, inglês, etc, tendo que partilhar moedas, afrouxamento de fronteiras físicas entre países e o trânsito que lhe é conseqüente?

O sujeito passa a ser cidadão internacional, integrante da assim chamada União Europeia. Se este dado passa a fazer parte do seu documento de identificação, qual será a sua nacionalidade?

Por outro lado, só para Lembrar Geertz, como conseqüência direta dos processos colonizatórios e migratórios o outro, antes distante, agora se nos avizinha: está do outro lado da rua ou na parede ao lado.

Na contramão desses sentidos globalizantes eis que emerge a necessidade, ainda que momentânea, do reconhecimento do sujeito local, como diria Geertz.

Traços e elementos que nos dão o caráter de particularidade passam continuamente a serem buscados. Se a partir daí, já não há mais como se perceber tão francês quanto se imaginava, pode-se descobrir-se gaulês, por exemplo, ou outra etnia qualquer obscurecida pela idéia de nacional – de nação. Neste sentido, do ponto de vista do pertencimento há a explicitação do realce na perspectiva da etnicidade Barthesiana. Realce da condição particular encoberta pelo sentido de nação, agora fragilizado pela instauração de comunidades internacionais – globais. Uma situação própria dos espíritos locais empreendidos pelos pequenos grupos nas suas relações de confrontação e reconhecimento. Deste modo, quando na minha pesquisa olho para Salvador, no seu estado de festa, no exercício de suas manifestações culturais, a universalização das ações parece encobrir certos elementos que caracterizam o traço local nas condutas organizativas.

Brandão (1989) observa que esse traço é tanto mais forte quanto maior for o caráter local da manifestação. Na realidade, como o próprio autor chama a atenção, é o “exercício de um ‘nós’ local”, ou seja, as manifestações privilegiadas nessas comunidades são aquelas que envolvem e aproximam o grupo, cujo exercício é muito comum nas comunidades de pequenas cidades e nas comunidades camponesas. No caso de Salvador, esta situação parece estar identificada com comunidades locais nas quais os integrantes conhecem-se mutuamente. Entretanto, segundo esse autor, à medida que as manifestações vão-se tornando mais universais, este elemento tende a ser percebido com menor intensidade. Assim, o elemento fé, antes determinante como motivação para a realização do ciclo de festas, agora se apresenta e tem visibilidade na figura de certos grupos presentes nas várias manifestações ou na representação do templo para onde muitas pessoas ainda se encaminham com o objetivo de cultuar o santo objeto da devoção.

Desse modo, da mesma maneira como em Salvador, este traço se manifesta também em outros espaços, a exemplo de cidades do interior baiano.

Abrimos mão de tudo isto porque nos pensamos universais. Portanto, questionamos: No tocante ao carnaval há algo de universal na dimensão empresarial assumida nos últimos tempos pela figura do trio elétrico, dos abadás e blocos ressignificados, estruturados para vender modelos de comportamento e

conduta? Provavelmente sim!

Há algo de local nas memórias de carnavais que longe vão no tempo, mas que restauramos de quando em vez, nas memórias dos que neles se viam e vêm, portanto se reconhecem, identificam-se com uma lembrança que já não é mais? Que fisionomia apresentam as manifestações locais das varias cidades do interior baiano e exemplo de Vitória da Conquista, Jequié, Feira de Santana? Já nos perguntamos a este respeito?

Talvez tenha a fisionomia da manifestação que atrai divisas econômicas para os municípios, em particular para aqueles que investem na sua realização, afinal, como de resto, em grande parte dos municípios cujas manifestações festivas ainda persistem, elas assumiram caráter profissional! Eis que alguém resolveu questionar, que modelo de relação é esse construído com tais transformações? E eu acrescento: de qual tipo de relação queremos falar?

Daí porque as questões locais tenham se transformado em área de interesse para muitas investigações desenvolvidas no contexto atual. Mas se observarmos o interesse com que cada vez mais pessoas-pesquisadores se interessam por questões até bem pouco tempo tidas como sem propósito, então será possível compreender o que a noção de cultura passou a representar. Desloca-se da desgastada condição de civilização ou escolarização e às vezes folclorização para transformar-se em cultura no sentido que se amplia para dar conta da diversidade de sujeitos/grupos cuja consciência os leva a reclamar por serem ouvidos. Mais uma vez seu sentido passa por um processo de ressignificação.

Até pouco tempo atrás as investidas do poder público se davam nas várias esferas com o propósito de propor ações evocativas de manifestações e/ou produções culturais, sobretudo aquelas cuja potencialidade para atrair divisas foram estimuladas. Neste sentido, conferências, cursos, propostas de trabalho foram realizadas. Ex: conferência municipal de cultura, conferência estadual de cultura e conferência nacional de cultura; editais de apoio a produções culturais, popularização e revitalização de manifestações culturais.

Portanto, como avaliar esse interesse pelo entendimento e pela difusão do que cultura pode representar? Por que o interesse do poder publico e da sociedade em abrir a discussão?

No que concerne à pesquisa, na sua constituição, tem abarcado situações e universos antes desconsiderados porque não “civilizados” e “não escolarizados”. Portanto saberes muitas vezes interpretados como incapazes de gerar, influenciar e garantir mudanças sociais importantes. No entanto, hoje, a ciência começa a reconhecer que os saberes da floresta servem para auxiliar nos estudos sobre ecologia, as sociedades tradicionais podem mostrar soluções possíveis e auxiliar no desenvolvimento de tecnologias naturais que devolvam ao homem a sua condição de sujeito, sem que isto implique no uso exacerbado de meios artificiais de produção.

Neste horizonte, o homem, na mesma velocidade com que se universaliza a partir do acesso ilimitado aos meios de comunicação global, cujo reflexo sugere a quebra de fronteiras geográficas em alguns casos, também se descobre enquanto ser local de valores tais que saltam em direção ao necessário reencontro com as tradições. Estes valores constituem o sentido de identidade e de pertencimento, é o sentido de raiz que vem nos encontrar.

Quanto à estrutura o texto, embora aborde questões levantadas em diferentes momentos e diferentes atividades ao longo dos últimos quinze anos, deve privilegiar o modelo no qual são discutidos motivação temática, noções com as quais lido, problema e considerações a que chego a partir das discussões pontuais aqui tecidas. Portanto, as diretrizes que nortearão a construção do trabalho dão conta da experiência com produção visual nos cursos de graduação da UEFS-BA, da pesquisa acerca da manifestação festiva local de Salvador-Ba realizada no doutorado pela PUC-SP e do Projeto Odeere-UESB em Jequié.

2. Imagem e produção visual

A imagem converte na porta de entrada por onde nossa discussão de dá. Neste sentido, procurar elementos que liguem tanto do ponto de vista semântico – sentido – quanto do ponto de vista operativo – ação – as palavras-chave que encadeiam e permitem desenvolver uma discussão acerca do conceito de imagem e suas derivações torna-se operatório.

O conceito de imagem é amplo e variado dada à multiplicidade de áreas dentro das quais sua abordagem é requerida. Neste sentido, situá-lo demarcando como se insere no contexto do trabalho aqui desenvolvido requer indicar autores

e trabalhos que tratam da questão e, principalmente, aqueles com os quais nossa proposta mais se aproxima. Neste sentido os trabalhos de JOLY (1996), SANTAELLA (1999), MORIN (1979), ABBAGNANO (2000) são importantes contribuições. Em outros trabalhos realizados foi possível tratar do tema imagem e linguagens visuais, procurando estabelecer conexões possíveis entre desenho, fotografia e cultura (FERREIRA, 2004), (FERREIRA, 2005), (FERREIRA, 2007), (FERREIRA, 2014) e (FERREIRA, 2017).

Com base na perspectiva ora esboçada, convém destacar dois campos de estudo dentro dos quais a análise sobre imagem se constrói. O primeiro dá conta da dimensão mais geral que o conceito de imagem enseja, nele se enquadra a contribuição de ABBAGNANO (2000) acerca da etimologia do termo e dos usos aos quais foi submetido desde a Grécia. O segundo, cuja abordagem mais propriamente o trabalho enfoca, trata de um tipo específico de imagem, aquele produto da visualidade que refere ao desenho, à fotografia e aos avanços tecnológicos obtidos a partir da sua descoberta: animação e vídeo. Mais recentes, fotografia e os avanços que dela decorrem têm seus marcadores fixados entre a primeira metade do séc. XIX e o curso do sec.XX quando, a partir de um processo físico-químico, conseguiu-se não somente captar, mas, sobretudo, fixar e armazenar imagens registradas por uma câmara escura. No curso dessa invenção emerge a simulação de movimento pela repetição sucessiva de imagens, mecanismo que resulta na produção fílmica. Neste campo, também se somam os trabalhos de DUBOIS (1993), BARTHES (1993), KUBRUSLY (2003). por trazem dados importantes para a discussão acerca da particularidade fotográfica da imagem.

3. Recursos visuais na atividade de ensino

Quando comecei a pensar no trabalho com a disciplina Técnicas e Recursos Audiovisuais¹, isto por volta de 1988, havia um único propósito: começar a despertar nas pessoas o interesse pelo uso adequado dos equipamentos disponíveis àquela época para auxiliar na mediação do processo de ensino. Digase de passagem, a proposta do curso então criado objetivava basicamente possibilitar o treinamento para o uso, por um lado, de TV, vídeo, gravador e fitas

¹ <http://trauefs.blogspot.com/search/label/Objetivos> ; <http://recursosaudio-visuais.blogspot.com/> ; http://tecnicasuefs.blogspot.com/2009/08/avaliacao_12.html

cassete, projetor de slides, retroprojetor, episcópio², entre os equipamentos elétricos e eletrônicos; e, por outro, a construção de recursos auxiliares produzidos a partir de suportes físicos – papel, acetato e películas – que resultavam em cartazes, álbum seriado, transparências e, ainda, a fotografia em negativo e diapositivo – *slide*.

O tempo transcorrido entre o início do projeto, com a criação da disciplina, e o momento atual, mais de trinta anos, portanto, mostraram como de maneira dinâmica aqueles equipamentos iniciais evoluíram e também como o interesse pelo seu uso se sofisticou. Entravamos na era do computador, internet, multimídia e os avanços tecnológicos que se seguiram, já não cabia, então, a mera preocupação com o manuseio do equipamento, mas a preocupação com o que ele passara a representar.

Com as mudanças possibilitadas pelo novo cenário o nosso foco também mudou; de mero treinamento para utilização de equipamentos a preocupação agora se situou no interesse pelo significado, intencionalidade e repercussão que tais avanços impunham ao processo de ensino. A reflexão ganhou espaço onde só havia a preocupação com o uso.

Reflexo desta mudança foi a reorientação do trabalho em direção à dimensão epistemológica do tema, isto é, trabalhar conceitos cuja abordagem pudessem evidenciar não apenas o aspecto instrumental do uso mas envolvesse a perspectiva teórica na qual a relação comunicativa inerente à produção audiovisual se encontrava imersa. A teoria da imagem e os conceitos que lhe dão sustentação passaram a fazer parte do programa de ensino e da pesquisa concomitantemente desenvolvida.

O passo seguinte foi a aproximação com a perspectiva hermenêutica, ou seja, interpretar a partir de um fato concreto a repercussão alcançada com o desenvolvimento de uma consciência calcada na necessidade de aprender a ler e lidar com as imagens. A partir desse entendimento se tornou imperativa a inserção dos estudos acerca da cultura ou, mais propriamente, dos conceitos de cultura e das implicações ensejadas por tal entendimento para a discussão então

² - Projetor de figuras opacas e objetos de baixo ou alto relevo, até uma espessura de 40 mm no máximo, com área útil para projeção de 16x19 cm; - Duas lâmpadas halógenas de 650w e a objetiva de 330 mm, permite uma imagem de 2x2 m a uma distância de 4m, e de 3x3 a uma distância de 6m; - Voltagem 110v ou 220v. Fonte: <http://www.comercialdistak.com.br/produtos/produtos-equipa-episcopio.html>

aberta.

Em decorrência dessa aproximação uma mudança se tornou inevitável, houve a necessidade de buscar o campo como espaço privilegiado de pesquisa onde os fenômenos de fato acontecem.

O primeiro campo de trabalho foi definido pela própria sala de aula, tendo os alunos da disciplina na graduação como sujeitos da pesquisa. Passei a observá-los atentamente. Inicialmente, como a disciplina, com as mudanças que acabara de receber, influenciava na maneira deles se relacionarem com a discussão ali proposta; em seguida procurar perceber como reagiam às situações nas quais o conhecimento desenvolvido em sala podia ser experimentado ou aplicado; por fim, como isso tudo repercutia nos alunos que até então não haviam passado pela experiência. Vale lembrar que a disciplina em questão figura no currículo dos cursos de licenciatura como optativa, isto quer dizer que nem todos os alunos escolhem ou conseguem matrícula na mesma. Logo, apenas um grupo tem acesso ao seu conteúdo.

Entre os alunos que cursaram a disciplina Técnicas e Recursos Audiovisuais uma questão orientou a nossa busca, saber que interesse motivou a escolha. A partir de uma atividade realizada na primeira semana de aula verificamos que no início era apenas pela falta de opção, não havia horários disponíveis para atender à demanda, tão pouco oferta de disciplinas optativas em quantidade satisfatória. Houve a constatação de que algumas vezes a opção se dava pela necessidade de cumprimento da carga horária de optativas do curso e, nesse caso, era conveniente cumpri-la em uma disciplina identificada *a priori* como aparentemente fácil. Noutras circunstâncias apenas para cumprir a creditação sem maiores preocupações.

Na grande maioria dos casos a opção pela disciplina não se dava pelo seu conteúdo, geralmente desconhecido até o primeiro dia de aula, contudo o resultado alcançado ao terminar o semestre letivo, na avaliação final realizada com a conclusão das atividades do curso³, refletia a mudança qualitativa de atitude. Os alunos, na sua grande maioria, manifestavam pelo brilho nos olhos e

³ Avaliação aqui não quer dizer prova de conhecimento aplicado no modelo tradicional, mas processo no qual o envolvimento e o compromisso com as atividades da disciplina se construíram no dia-a-dia da sala de aula, expressos nos depoimentos de final de curso.

pela demonstração de uma nova consciência o que significou para eles passarem por aquela experiência. Experiência, aliás, que vem se constituindo no produto representado pelo acervo ⁴ deixado comigo enquanto levam para a vida o resultado do aprendido.

A atividade motriz da disciplina é preparar estudantes, na sua maioria integrantes das licenciaturas, para perceberem a necessidade de utilização dos recursos capazes de dinamizar e melhorar a mediação entre orador, professor e sua audiência – alunos e outros – na apreensão de novos conteúdos. Para que esta ação se efetive, o primeiro passo é despertar o interesse por ler imagens.

Na sua concepção, ARAÚJO (2006, p...) nos mostra que enquanto “:Espaço da invenção, a leitura comporta universos de significações, forma cervos pessoais de conhecimento e sabedoria, apreende sentidos ideológicos de prazer e saber, de memória e símbolo”. Ao que conclui:

Ler [...] é atribuir sentido às coisas do mundo, interagir com elas, interpretá-las, pensar dialeticamente, estabelecer alteridades de vozes, intercambiar experiências transitar para a cidadania plena.. (ARAÚJO, 2006,p.)

Como sugere KELLNER, (1995). são requisitos cuja apreensão nos encaminham para o despertar da consciência que impõe ler imagens criticamente. SAMAIN, (1998), em certa discussão chegou a indicar que o homem desenvolve ações orais de comunicação, desenvolve a capacidade de leitura do escrito, mas quase nunca lhe é despertado o interesse pela leitura de imagens, ao que acrescento, geralmente apenas o consumo. GOMES (1996), por sua vez, classifica em três estados a condição para que a comunicação se dê: monodimensional quando apenas uma dessas formas é privilegiada – a oral por exemplo – bidimensional, quando são conjugadas a forma oral e escrita e tridimensional quando a imagem é associada às duas outras. Na semiótica da imagem fica consagrada a necessidade do referente.

Noutra discussão, MOREIRA (1986) chama a atenção para o que se dá entre o momento do letramento e a perda do desenho como meio de comunicação já aos cinco anos de idade. Os estímulos todos são dados no sentido de privilegiar e premiar o desenvolvimento da capacidade de leitura do escrito. São elogios,

⁴ Ver sites indicados na página (7) nota de rodapé.

reforços, prêmios desde o espaço da escola até os momentos de lazer em casa ou na rua. No entanto, despreza-se a capacidade natural da criança para comunicar através do desenho e representação gráfica. Fato este também evidenciado por GOMES (1996). Nos dias atuais mesmo que tal estímulo se veja continuamente reduzido, há uma brecha que possibilita o uso de imagens como meio lúdico e de entretenimento. São os espaços visuais das mídias eletrônicas referenciadas pela TV, vídeo, cinema, computador entre outras fontes. Ao que DURAND (2004) diz ser o paradoxo do ocidente, somos inundados por uma avalanche de imagens prontas para o consumo, acompanhamos um acelerado processo de legitimação de técnicas cada vez mais sofisticadas de reprodução, transmissão e recepção de imagens, ou seja: “temos uma civilização que por um lado propiciou ao mundo técnicas de reprodução da comunicação das imagens e, por outro lado, demonstrou uma desconfiança iconoclasta, “suspeita” com relação ao valor dessas mesmas imagens” (DURAND, 2004, p.14). Neste sentido, ele próprio chega a indicar ter havido historicamente um sistemático desprezo à imagem que quase sempre é expulsa pela porta da frente, mas teimosa retorna sutil pela porta dos fundos, para em seguida tomar conta da casa.

Efetivamente, o que isto significa? Embora não lhe atribuamos atenção de aprendizado, de meio privilegiado para a apreensão cognitiva, a imagem invade os espaços de entretenimento e diversão desencadeando apenas o sentido do lúdico. Resultado as pessoas crescem assumindo a incapacidade para o desenho, a incompetência para a leitura de imagens e, principalmente, o desinteresse e o descrédito para com a potencialidade ensejada por esta para atuar na formação integral do sujeito, o que é complacientemente aceito.

A proposta, então, é estimular a reflexão sobre a imagem, a partir de textos selecionados, analisar material visual de natureza fílmica – imagem em movimento –, construir análises acerca de cada uma das inquietações despertadas e depois colocar a mão na massa para produzir.

Constrói-se da seqüência gráfica à transparência, da análise à construção de cartazes. Esta etapa é a que concebemos como produção de material auxiliar sobre suporte físico. O passo seguinte é conhecer algumas propriedades da imagem que nos coloca diante da situação de poder utilizá-las, lê-las e construir novas comunicações a partir de suportes virtuais. Estes suportes são caracterizados

por meios eletrônicos de produção e simulação de imagens: computador, TV, vídeo que são largamente utilizados.

Neste estágio do curso a construção geralmente é coletiva. Autores como Daniel Filho (cineasta e diretor de TV), Doc Comparato (cineasta), além do contato com profissionais publicitários nas visitas técnicas e/ou palestras agendadas constituem subsídio para o desenvolvimento da ação.

Finalmente a apresentação das produções e a conclusão do processo de avaliação qualitativa com a percepção dos resultados obtidos a partir do envolvimento e comprometimento assumido por todos ao longo do semestre.

Neste sentido, alguns depoimentos foram extremamente significativos, os estudantes mostraram-se sinceros nos seus relatos:

No que diz respeito a disciplina de uma maneira geral, tentei por duas vezes cursá-la além dessa, mas por motivos de trabalho não pude prosseguir. Mas o interesse persistiu. Tenho interesse especificamente em cinema e fotografia e achava que encontraria suporte nessa disciplina. E não estava errada. Apesar de os enfoques principais não serem esses, sempre nos referíamos a eles.

Uma das coisas que me despertou grande interesse dentre as coisas que estudamos nesse semestre, foi o estudo sobre cores. Achei muito instigante e interessante.

A disciplina foi bem ministrada e os alunos contribuíram demonstrando interesse e produzindo coisas por vezes muito interessantes.

Sobre o trabalho final, a produção dos blogs, é uma nova maneira que existe de comunicação. Na realidade, não tão nova assim, mas como trabalho acadêmico sim. Existem alguns blogs que divulgam produções acadêmicas, mas me parece sempre que é algo que parte de fora. Nesse caso foi diferente. Essa foi a proposta final da disciplina.

De modo geral, os blogs foram bem produzidos e permitem uma pesquisa mais ampla já que a respeito de cada assunto, se tem links que levam à pesquisas e explicações mais detalhadas. Além da variedade de tipos de comunicação: comunicação escrita, por imagem fixa, imagem em movimento e o que se pode chamar de "blog matriz", que reúne todos os blogs, além de explanar sobre a disciplina.

Para mim foi muito proveitoso. Inclusive decidi fazer uma especialização na área de cinema encorajada por essa disciplina. (aluna, 2008.2)

Na realidade a produção de blogs vem se constituindo em um dos últimos estágios alcançado pela disciplina, com o propósito de dar visibilidade à produção que se encontrava limitada aos alunos da mesma e, vez por outra, às mostras realizadas na Biblioteca da UEFS. Como já fora mencionado, as atividades motrizes

da ação prática ali proposta envolvem a produção de material visual a partir de suporte físico – papel, acetato e películas – e a produção de material visual a partir de suporte virtual. Nesta categoria encontram-se no acervo vídeos em vhs e digital, e produções para apresentação via computador – Power point, movie maker e outros. Esta classificação tornou-se uma exigência com a apropriação dos meios possibilitados pela informática.

Outra estudante manifestou-se da seguinte maneira:

A disciplina se desenvolveu de maneira bem significativa. Inicialmente foram levantadas questões pertinentes quanto à maneira como a imagem influencia a opinião e a ação das pessoas, ficando bem claro que a mídia (os meios de comunicação) sabem muito bem como utilizar-se das imagens para reforçar, ou diminuir determinados conceitos e idéias, em geral de maneira muito persuasiva, fazendo com que os indivíduos sejam “levados” pelo que lhes é apresentado sem a mínima reflexão. E por isso, o primeiro momento da disciplina serviu para que, nós alunos, tomássemos consciência sobre as imagens, deixando de ter uma postura basicamente passiva e passássemos a ter uma postura crítico reflexiva quanto a relação imagem/sociedade.

A segunda parte foi importante, por possibilitar a construção de “comunicações visuais”, onde pudemos não só colocar a “mão na massa”, como também refletir sobre as mesmas, se desprendendo da mera teoria, analisando aspectos práticos da comunicação visual, e os objetivos contidos nelas, os explícitos e principalmente os implícitos.

A terceira, e provavelmente a mais trabalhosa, foi a construção do blog, primeiro por ser um elemento de comunicação ao qual não tínhamos muita familiaridade, e também, por requerer tempo para a sua confecção. A construção do blog, particularmente, foi muito útil, entretanto acabamos não produzindo muitas comunicações, principalmente com imagem em movimento, e dessa maneira, na construção do blog tivemos que selecionar materiais de outras turmas. Nesse aspecto, acho que “perdeu-se” um pouco de tempo discutindo sobre o blog, exatamente por essa não familiaridade, onde o momento prático demorou de acontecer.

De maneira geral, a disciplina alcançou seus objetivos iniciais, possibilitando reflexão/ação sobre a comunicação áudio-visual, surpreendendo, pois a princípio imaginava-se que ela seria basicamente técnica, e pelo contrário ela teve vários momentos, de interação, reflexão, ação e também “manual”, tendo um perfil bem diversificado e interessante. Possivelmente as outras turmas terão mais oportunidades de produzir e interagir com a comunicação áudio-visual, pois essa etapa de “modernização” dos recursos e dos meios, já foi passada. (aluna2, 2008.2)

Os relatos semestrais tornaram-se uma atividade objetiva dado o conteúdo agregado para outras ações. Assim, o tempo/espço das ações realizadas com a graduação foi motivador para avançar com a discussão acerca dos recursos visuais na atividade de pesquisa.

4. Imagens: produção/reflexão no espaço da festa

O campo, desta feita, se converteu no espaço da cotidianidade onde a cultura acontece. Longe do espaço acadêmico o projeto saiu para a rua e foi ver “a vida como ela é”. Essa experiência resultou numa tese de doutorado realizada na Pontifícia Universidade de São Paulo – PUC-SP, sob a orientação da Dra. Terezinha Bernardo, defendida em 2004, cujo enfoque foi a manifestação de fé e de festa percebida durante a realização dos festejos de verão na cidade do Salvador, no período de janeiro a março de cada ano, pontuando a influência das culturas africanas no seu movimento. Todo esse trajeto foi permeado por registros que se converteram na expressão visual das manifestações a me auxiliar na percepção do movimento de cada festa através da fotografia. Mostrou claramente duas questões que servem como justificativa a motivar a realização do trabalho. Em primeiro lugar, mostrou a força da representação fotográfica como fonte de pesquisa. A fotografia possibilita uma forte interatividade e, neste sentido, pode transitar da contemplação à análise do conteúdo que carrega. Por outro lado, também pode atuar na mediação entre seu referente – uma pessoa, um fato qualquer, uma situação vivida – e o pesquisador, constituindo-se, desse modo, num elemento eficaz de aproximação. No nosso caso, atuou mediando os relatos coletados durante a pesquisa de campo, tomando como referência o contato que os participantes das festas tiveram com suas próprias imagens fotográficas realizadas em vários momentos de ocorrência das manifestações, caracterizando uma incursão pelos horizontes abertos a partir do contato com a imagem fotográfica refletida nos depoimentos que esses participantes forneceram.

5. Recursos visuais: convergências de ensino, pesquisa e extensão

Os dois momentos acima relatados constituíram subsídio importante para a discussão e o estudo desenvolvidos em torno das linguagens visuais. Com esse aporte inicial, outros desafios foram propostos. Neste momento, duas orientações foram seguidas, primeiro a criação do Grupo de Pesquisa Linguagens Visuais, Memória e Cultura, certificado pelo CNPq, para dar conta da temática interdisciplinar ensejada pelas visualidades, memória coletiva e etnicidade; segundo porque com a criação do grupo aceitei o desafio para expandir suas

atividades e buscar, entre outras coisas, desenvolver um trabalho no município de Jequié – BA cujo interesse se situa na perspectiva proposta que o mesmo traz.

A proposta foi implementada a partir de um projeto de extensão e pesquisa coordenado pela Dra. Marise de Santana. Extensão por conta da natureza do trabalho, sua atividade motriz que implica atuar diretamente com professores e interessados da região para o desenvolvimento de cursos cujo objetivo é a preparação de profissionais para a implementação da Lei 10.639/03. Esta Lei torna obrigatória a inclusão de conteúdos específicos de história e cultura afro-brasileira e africana nos currículos do ensino fundamental e médio. Nesta atividade, além dos conteúdos específicos, propõe-se o desenvolvimento de oficinas que possibilitem produzir material audiovisual com o propósito de privilegiar aspectos da cultura local e regional que tragam no seu movimento a influência da tradição afro-brasileira e africana. Esta ação objetiva possibilitou a emergência de um tipo de consciência prática para aguçar e transformar a capacidade de ver. Ver significa ampliar o horizonte para além do visível, isto é, atingir a dimensão do sensível, caminho através do qual se torna mais fácil atuar com os conteúdos propostos pela aplicação da Lei.

Conforme mencionamos em outro momento:

A partir da questão inicial “o que é uma imagem” todo um trabalho começa a ser desenvolvido. As respostas a este questionamento trazem impressões importantes para a consecução das atividades do curso, indo repercutir no material final partilhado pelo grupo. (FERREIRA, 2014, p.80)

Os discursos correntes acerca da lei 10639/03, em que pese a sua natureza de alteração da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - 9394/96, tem contemplado muito mais o que determina a lei em voga que propriamente como fazer para atender às suas especificidades, no que tange as ações que possibilitem de maneira eficaz sua implementação no país de maneira geral. Nos vários fóruns por onde passo a percepção que tenho dá conta de uma angustia generalizada do professorado por não saber direito como fazer para atender às determinações legais; METODOLOGIA, ou seja, a palavra ação que rege o “como fazer” no campo da pesquisa, da extensão e do ensino torna-se recorrente. Aliado a este fato, paira sobre o grupo a culpa pela realização de ações algumas vezes

equivocadas no que concerne a interpretação do que a lei efetivamente propõe. Quase sempre, a saída tem sido enclausurar a proposta da 10639/03 em ações tópicas relacionadas a eventos pontuais historicamente reconhecidos pelo “*habitus*” escolar brasileiro – 13 de maio, dia do folclore e mais recentemente 20 de novembro – sem que nada mais possa ser lembrado. A criatividade da ampla maioria dos docentes não lhes permite tomar como referências ações cotidianas do povo brasileiro nas quais se percebe a marca da cultura africana, independentemente de se considerar negro. Do trabalho realizado desde 2005 no projeto ODEERE, em Jequié, o recurso das linguagens visuais estimuladas, praticadas e vivenciadas por cada um dos participantes constituiu mecanismo de mediação importante. Resultado, a construção de um acervo visual gerado pelas próprias experiências produzidas em atividades do ODEERE, inspiradas em situações vivenciadas no cotidiano dos participantes do curso, mostrou-se eficaz para pensar a cultura de matriz africana radicada no Brasil e possibilitou aberturas para entender a diversidade de contribuições que historicamente a África legou. O propósito aqui é mostrar como a utilização das linguagens visuais no ensino do magistério superior tem papel importante para despertar tais interesses.

A proposta de trabalho se assemelha no conteúdo àquela proposta pela Disciplina Técnicas e Recursos Audiovisuais, no entanto traz dois elementos que a particulariza em relação à outra. Ênfase na perspectiva da cultura, sobretudo a cultura afro-brasileira e é oferecido em estrutura modular intensiva. Esta estrutura se constituiu em opção mais apropriada, uma vez que o seu público alvo teria dificuldade de participar de uma atividade regular com carga horária extensiva ao longo de um semestre letivo, além do que o projeto envolve várias atividades ao longo de um ano letivo, com participação de professores integrantes ou não do quadro da UESB. (FERREIRA, 2014, p.80)

As duas últimas edições da etapa Linguagens Visuais e Cultura realizadas respectivamente em 2018 e 2019 tiveram aproximadamente duzentos inscritos cada.

Pro isso, ao olhar hoje para as produções geradas por um lado pela graduação e, por outro, resultantes das atividades mantidas pelo projeto ODEERE, sobretudo na extensão e pós-graduação *lato sensu* e *stricto sensu*, nos dá a consciência de estarmos no caminho certo.

6. Considerações finais

Para finalizar cabe retomar um pouco da discussão, na sua proposição inicial, que previa tratar de **Linguagens Visuais como pretexto para tratar de Relações Étnicas** por um motivo: até aqui, ainda que tenha referido acerca das possibilidades de aplicação do seu uso, pouco ou quase nada me referi textualmente à expressão.

Assim, me reservo o direito de trazer no fechamento um pouco do sentido atribuído à expressão por conta do que nela está contemplado.

O Brasil é tão ligado à África que mesmo quando nega a sua africanidade, tem nela e reafirma vigorosamente a África como sua memória ancestral. Não se trata de um continente, não se trata de um país, trata-se de um espaço/lugar cuja dimensão presentifica uma origem mítica.

O contexto afro-brasileiro impõe uma constatação! Como nossa memória de uma árvore genealógica de família inexistente dado que, enquanto pessoas – indivíduos – tivemos nosso laço de umbigo cortado entre o navio e a senzala, o que nos impediu de construir a memória objetiva dessa árvore genealógica da família de pertencimento: aquela da qual saímos da África. Assim, imaginariamente construímos muitas famílias com as quais nos fazemos representar: A família de sangue, até onde nossas memórias alcançam; a família de santo, quando a ela resolvemos nos juntar; a família de origem, fundada numa origem comum. Nesta última está o traço da identidade; da ferida que ainda não cicatrizou; da marca que chega antes de nós.

Aí somos capazes de sentir tão intensamente o que o nosso irmão de pertencimento sente, dado que a dor é igual, por isso assumir o universal/particular afro-brasileiro nos aproxima e toca tanto.

Sobre o termo afro-brasileiro, ainda que particularizado para adjetivar o sujeito descendente do africano que veio aportar no Brasil, a expressão afro-brasileiro é, ela mesma, uma categoria generalizante, vez que extrapola os limites de caracterização de um sujeito particular – o negro. Dado que esta terminologia insinua para si própria um caráter particular, ela teima em incorporar no seu campo de entendimento outros sujeitos particulares – os não negros –, categoria de difícil caracterização no Brasil, dada a ampla diversidade de mestiços por um lado. Por

outro, há um contingente de africanos de ascendência europeia que também migraram para cá. Sobre esses há um conveniente silêncio acerca de suas existências nos vários segmentos. Assim, do mesmo modo que na Europa não se pode dizer que todo africano é negro, também não se poderá dizer que todo afro-brasileiro o é. O que dizer dos brancos nascidos em terras africanas; eles são despossuídos do caráter particular dessa condição, isto é, desterritorializados na nascença?

Dado que a afirmativa de ser afro-brasileiro necessariamente não caracteriza e não legitima totalmente a condição de ser negro. Penso que ser africano, do ponto de vista do continente – lugar de nascença –, não torna necessariamente seus descendentes, sobretudo os que nasceram em outros lugares, por exemplo, negros no Brasil.

Atualmente, dada a memória coletiva que vincula a condição de ser afro-brasileiro à condição de ser negro, há uma tendência de assumir-se politicamente este pressuposto como verdadeiro. No entanto, não há como afirma-lo integralmente como verdadeiro, pois a exploração escravista e a colonização produziram uma diferença que se impõe ao conceito de africano hoje. Desse modo, resta-nos a vinculação do legado cultural que na diáspora fora incorporado ao *modus vivendi* de sujeitos dos lugares por onde a cultura africana passou. Assim, é mais apropriado referir-se a cultura afro-brasileira, como tradução de uma remanescência da cultura africana, que propriamente do sujeito afro-brasileiro como uma vinculação direta com a origem (lugar / raça) desse mesmo sujeito.

Ao falar da questão fica subentendido que necessariamente todo africano tem que ser negro, isto reduz a discussão à dimensão meramente racial com base na dimensão biológica e fenotípica do ser.

Cabe lembrar que tal discussão só se efetiva no Brasil em razão da nossa própria gênese formativa lastreada na condição de país construído sob a insígnia da estrutura colonialista e sob a estrutura econômica de base escravista por mais de trezentos anos. Com as feridas dessa condição ainda abertas, sangra e continua pulsando sobre o modo de pensar e agir geral, os estereótipos criados de um lado pelos que sempre exerceram hegemonia e as tensões administradas pelos que sempre estiveram submetidos ao julgo da dominação pesam numa balança cujo pêndulo se mostra historicamente desequilibrado.

Tal topônimo – afro-brasileiro – só cabe e define aquele que aqui nasce, ou aquele cujo nascimento se deu em qualquer outro lugar quando traz consigo a memória ancestral da sua linhagem de nação que por aqui passou. Tudo isto foi dito para que se possa compreender a ideia de etnia naquilo que a consagra como campo de estudo que encerra povo, território e língua.

Até aqui, o propósito do presente trabalho foi construir ou, pelo menos, provocar uma discussão acerca do potencial que as imagens possuem de estabelecer mediações entre sujeitos/grupos acerca do que os faz sentirem-se próximos e capazes de identificar pontos que os diferenciam de outros sujeitos ou grupos nos processos possíveis de contato por eles estabelecidos.

Neste sentido, reafirmo o entendimento que construímos acerca de Linguagens Visuais – campo estrito do estudo das imagens percebidas a partir do acionamento do sentido da visão – e Relações Étnicas – campo estrito de estudo acerca do humano naquilo que os aproxima e/ou diferencia enquanto grupo –, situando-as naquilo que propõem.

Situar seus limites e possibilidades, argumentando acerca da capacidade ou propensão de ambas para mediar relações; indicar que as linguagens visuais a rigor não mostram ou evidenciam, em princípio, relações étnicas, mas têm potencial para mediar tais relações.

Relações étnicas pressupõe a existência de sujeitos ou grupos cujo contato com o outro realça e reforça na diferença a sua natureza particular. Do ponto de vista etimológico, como já mostrado, o segundo termo da expressão deriva de etnia que, por sua vez, traz uma ligação com três elementos fundantes – povo, território e língua –, cuja composição ajuda a estruturar seu sentido.

Por isso relações étnicas não pode se confundir com relações raciais. Esta outra expressão, cujo segundo termo deriva de raça, enseja no humano a preocupação com aspectos biológicos do ser, priorizando atributos físicos e a diferença marcada pela visibilidade de traços fenotípicos. É um produto resultante da expansão colonialista europeia no contato com o outro – o diferente. No limite, segundo Sodré (2005), produziu como efeito o racismo doutrinário cientificamente argumentado pela lógica evolucionista.

No embate político brasileiro a discussão racial torna-se oportuna porque expõe a diferença que chega antes, dado que é visual, e molda as demais

dimensões relacionais. No entanto, não há como fugir às perspectivas étnicas aí presentes porque assumimos um povo, um território e uma língua que em maior ou em menor escala traduz nossa natureza de sujeito particular.

Isso posto, nos credita, ao participar de desses projetos no presente momento, os quais constituem desafios porque propõem discutir produção visual, cultura e pesquisa, tomando por pressupostos questões não necessariamente, convergentes, embora, sob certos aspectos recorrentes, nos impõe um percurso tão diverso.

No Plano das convergências Produção visual, culturas e pesquisa ganham um foro privilegiado no campo das Ciências Sociais e Humanas. Sob o pretexto de um tal “pressuposto acadêmico”, cultura tem se tornado tema importante e crescente nos programas de pós-graduação e não raro, temas ou discussões combatidas pelo desinteresse geral voltam a cena e se tornam objeto de estudo antes que desapareçam com seus últimos remanescentes.

Trabalhos como ODEERE: formação docente, linguagens visuais e legado africano no sudoeste baiano e Etnicidades e trânsitos: estudos sobre Bahia e Luanda publicados respectivamente em 2014 e 2017 constituem parte das produções construídas no ODEERE. Tais exemplos constituem produções cuja principal característica é dar voz e vez a temas pouco trabalhados como pesquisa. Estas produções podem constituir como espaços de convergência entre cultura(s) agora no plural e pesquisa no singular, haja vista que ainda que os mecanismos de produção sejam diferentes, carregam, no que propõem, o mesmo nível de importância. Neste sentido, finalizo lembrando que este ensaio aqui produzido resulta da investida no campo das Ciências Sociais e Humanas fortemente ancorado na perspectiva da Produção Visual, tendo como foco a ação educativa. Neste sentido, reflete às inquietações geradas com a participação nos projetos já citados com os quais me encontro envolvido, fruto das reflexões realizadas pelos grupos de pesquisa aos quais me encontro vinculado.

7. Referências

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia* Tradução de Alfredo Bosi, 2. ed. São Paulo: Mestre Jou, 1982.

AMADO, Jorge. *Bahia de Todos os Santos: guia de ruas e mistérios*. Rio de Janeiro:

Record, 2000.

ARAÚJO, Jorge de Souza. *Letras, leitor, leituras: reflexões*. Itabuna-Ba: Via Litterarum, 2006

BARTHES, Roland. *A câmara clara: nota sobre a fotografia*. Tradução de Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *A cultura na rua*. Campinas, São Paulo: Papirus, 1989.

DUBOIS, Philippe. *O ato fotográfico*. Tradução de Marina Appenzeller. Campinas, São Paulo: Papirus, 1993.

DURAND, Gilbert. *O Imaginário: ensaio acerca das ciências de da filosofia da imagem*. tradução Renée Eve Levié. 3.ed. Rio de Janeiro: Difel, 2004.

ELIADE, Mircea. *Imagens e símbolos: ensaios sobre o simbolismo mágico-religioso*. Tradução de Sonia Cristina Tamer. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

FELDMAM-BIANCO, Bela; LEITE, Míriam L. Moreira (Org.) *Desafios da imagem: fotografia, iconografia e vídeo nas Ciências Sociais*. Campinas: Papirus, 1998.

FERREIRA, Edson Dias . *Desenho, fotografia e cultura na era da informática*. In: GRAPHICA 2007-VII International Conference on Graphics Engineering of Arts and Design e XVIII Simpósio Nacional de Geometria Descritiva e Desenho Técnico, 2007, Curitiba. GRAPHICA 2007 - ANAIS - Desafios da era digital: ensino e tecnologia, 2007. p. 01-09.

FERREIRA, Edson Dias. *Desenho e Antropologia: influências da cultura na produção autoral*. In: GRAPHICA: International Conference on Graphics Engineering of Arts and Design e XVIII Simpósio Nacional de Geometria Descritiva e Desenho Técnico, 2005, Recife, PE. *Anais... Recife*, 2007, p.

FERREIRA, Edson Dias. *Fé e festa nos janeiros da Cidade da Bahia: São Salvador*. 2004. 250f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais, Antropologia) – PUC-SP, São Paulo, 2004.

FERREIRA, Edson Dias. *Desenho Conhecimento: em direção à construção de sua epistemologia*. In: GRAPHICA: CONGRESSO INTERNACIONAL DE ENGENHARIA GRÁFICA NAS ARTES E NO DESENHO, 3., 2000, Ouro Preto, MG. *Anais... Ouro Preto*, 2000, p.

FERREIRA, Edson Dias. *Linguagens visuais e cultura: as interfaces possíveis com a proposta do ODEERE*. In ODEERE: formação docente, linguagens visuais e legado africano no sudoeste baiano / Marise de Santana...[et al.]. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2014

FERREIRA, Edson Dias. *Imagens da Cidade: fé e festa nos janeiros da Cidade da Bahia*. In *Etnicidades e trânsitos: estudos sobre Bahia e Luanda* / Marise de Santana...[et al.]. Jequié; Rio de Janeiro: Programa de pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade(UESB): Grupo de Pesquisa interinstitucional (UERJ-UFRJ), 2017.

FILLIPPI, Patrícia de; LIMA, Solange Ferraz de; CARVALHO, Vânia Carneiro de. *Como tratar coleções de fotografias*. São Paulo: Arquivo Público do Estado: Imprensa Oficial do Estado, 2002

GEERTZ, Cliford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.

GOMES, Luiz Vidal Negreiros. *Desenhismo Santa Maria*, Rio Grande do Sul: Editora UFSM, 1996

HALBWACHS, Maurice. *Memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

JOLY, Martine. *Introdução à análise da imagem*. Tradução de Marina Appenzeller. Campinas: Papirus, 1996

KELLNER, Douglas. *Lendo imagens criticamente: em direção a uma pedagogia pos-moderna*. In SILVA, Tomaz Tadeu da. *Alienígenas na sala de aula: Uma introdução aos estudos culturais em educação*. Petrópolis, RJ: vozes, 1995.

KOSSOY, Boris. *Realidades e ficções na trama fotográfica*. 3. ed. São Paulo: Ateliê, 2002

KOSSOY, Boris. *Fotografia e história*. 2. ed. São Paulo: Ateliê, 2001.

KUBRUSLY, Cláudio Araújo. *O que é fotografia*. São Paulo: Brasiliense, 2003.

LAWLOR, Robert. *Mitos, Deus, Mistérios Geometria Sagrada*. Rio de Janeiro: Edições Del Prado, 1996.

LEITE, Enio. *Origens do processo fotográfico*. <<http://www.cotianet.com.br/photo/hist/www.focusfoto.com.br>>, em 12 de ago.

2007.

MOREIRA, Ana Angélica Albano. *O espaço do desenho: a educação do educador*. São Paulo: Edições Loyola, 1991.

MORIN, Edgar. *O enigma do homem: para uma nova Antropologia*. Tradução de Fernando de Castro Ferro. 2.ed. Rio de Janeiro: ZAHAR, 1979.

MOURA, Carlos Eugenio Marcondes de. *A travessia da calunga grande*. São Paulo: Edusp, 2000.

POLLAK, Michel. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v.5, n. 10, p.200-212, 1992.

POLLAK, Michel. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol 2, n. 3, p.3-15, 1989.

POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. *Teorias da Etnicidade*, seguido de Grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth. Tradução de Elcio Fernandes; São Paulo: UNESP, 2000.

SAMAIN, Etienne. *Questões heurísticas em torno do uso das imagens nas Ciências Sociais*. In FELDMAM-BIANCO, Bela; LEITE, Míriam L. Moreira (Org.). *Desafios da Imagem: fotografia, iconografia e vídeo nas Ciências Sociais*. Campinas: Papius, 1998.

SANTAELLA, Lúcia. *Imagem*. São Paulo: Editora Iluminuras Ltda, 1999.

VERGER, Pierre. *Retratos da Bahia -1946 a 1952*. Salvador: Corrupio, 1980.

Edson Dias Ferreira: Professor Pleno da Universidade Estadual de Feira de Santana – UEF; Vice-Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Desenho, Cultura e Interatividade. Doutor em Ciências Sociais – Antropologia pela PUC-SP com Pós-Doutorado na mesma área e Instituição; fone: 75 – 31618865; endereço: Av. Transnordestina S/N, Novo Horizonte, Campus Universitário, DLA, Módulo 2, Feira de Santana – Ba, CEP: 44.036.900; E-mail: edson.orientacaomestrado@yahoo.com.br



This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).



Este trabalho está licenciado com uma Licença [Creative Commons - Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Artigo recebido para publicação em: Novembro de 2019.

Artigo aprovado para publicação em: Dezembro de 2019.